

A IMPORTÂNCIA DOS LIMITES NA EDUCAÇÃO E SUAS DIFICULDADES

Rianne Vanessa Formiga Guedes Galvão ¹

Sônia Maria de Medeiros ²

Maria do Socorro Vieira de Albuquerque ³

Josefa da Fátima Fernandes Araujo ⁴

RESUMO

Sabe-se que para viver em sociedade é necessário haver limites. No dia-a-dia, é impossível que o indivíduo tenha liberdade total, ilimitada. Considera-se que permitir nada ou permitir tudo, são hábitos igualmente prejudiciais do ponto de vista educacional. Diante do exposto a pertinência desse estudo não se limita apenas aos pais, mas aos educadores em geral que se anseiam implementar uma educação de qualidade. O presente artigo tem como objetivo contribuir com a qualidade do processo ensino-aprendizagem na perspectiva de uma formação integral, identificando as possíveis influências da sociedade e consequências ocorridas com a falta dos limites, a luz do olhar materno através de uma pesquisa de campo com mães de alunos da Educação Infantil do sertão da Paraíba. Observou-se com esse estudo a indiscutível necessidade dos limites para uma formação educacional que se deseja plena, sobretudo nos tempos modernos que se caracterizam por uma “crise de paradigmas”, em que pais e escola muitas vezes negligenciam seus papéis numa completa inoperância de suas obrigações.

Palavras-chave: Limites, Educação, Pais, Sociedade.

INTRODUÇÃO

A educação é uma prática social influenciada pela cultura de cada momento histórico, e atualmente há uma aparente dificuldade na tarefa educacional dos pais em relação a imposição dos limites e as consequências marcantes da falta dos mesmos, acarretando consequências também no processo ensino-aprendizagem.

Dentre as dificuldades que surge na relação entre pais e filhos, uma tem crescido de importância pelos transtornos que provoca na formação pessoal. Trata-se dos limites. Ver-se hoje uma sociedade em crise de valores éticos e morais, moldada por um sistema capitalista que acarreta mudanças na estrutura familiar, uma vez que os pais, graças às deslocções para o emprego e às longas jornadas de trabalho que lhes asseguram a subsistência, deixam de estar presentes nos momentos mais difíceis ou sentem-se culpados pela ausência ocasionando uma educação permissiva, sem controle.

¹ Mestranda do Curso de Ciências da Educação da Atenas College University, rienne.vanessa@hotmail.com;

² Mestranda do Curso de Ciências da Educação da Atenas College University, soninha-patos@hotmail.com;

³ Mestranda do Curso de Ciências da Educação da Atenas College University, maryy.pb@hotmail.com;

⁴ Mestranda do Curso de Ciências da Educação da Atenas College University, josefa.de.fatima@gmail.com;

Este tema é, sem dúvida, demasiado vasto. Tendo em consideração a sua amplitude, serão tratadas apenas algumas vertentes, não numa perspectiva resolução do problema, e sim de suscitar questões e reflexões que contribuam para que se lance um novo olhar sobre o caráter de uma boa educação que priorize princípios básicos imprescindíveis a uma convivência social saudável, como os limites. Além das possibilidades de se construir tal educação, tendo como suporte a participação efetiva dos pais.

Portanto, o objetivo que ora se propõe ao presente artigo é contribuir com a qualidade do processo ensino-aprendizagem na perspectiva de uma formação integral, identificando as possíveis influências da sociedade e consequências ocorridas com a falta dos limites, verificando alternativas para aplicar determinados limites e esclarecer algumas dúvidas decorrentes ao assunto. Optou-se por fazer uma coleta de dados de mães pelos estudos referentes ao tema onde prevalece a responsabilidade materna em relação a educação dos filhos.

Espera-se que esse trabalho possa contribuir com a melhoria na educação, mesmo sabendo que o tema é vasto e complexo e dos enormes desafios e influência que são apresentadas frente a essa questão.

METODOLOGIA

Sabendo-se da complexidade que envolve a educação dos indivíduos, nesse caso específico do ponto de vista dos responsáveis e considerando, apesar das mudanças porque passa a sociedade no que tange a sua organização, que a mãe ainda assume lugar de destaque nesse processo, a referida pesquisa preocupou-se em investigar as representações que a figura materna faz sobre os limites na educação dos filhos.

Pode-se pensar que essas representações retrataram a partir de amostragem um conhecimento apenas parcial da problemática em questão, contudo, não existe nesse estudo a pretensão de desvendar todos os aspectos envolvidos no processo. Afinal, um trabalho que se deseja validade científica deve entender as limitações das investigações que carecem ser implementadas por amostragem levando-se em consideração o conteúdo da pesquisa e suas perspectivas de análise.

A metodologia optada foi uma pesquisa de campo, através de uma entrevista numa turma de educação Infantil com 18 (dezoito) alunos de uma escola “X”, selecionou-se a partir

da técnica de sorteio um total de 06 (seis) mães de alunos para expressarem seu entendimento acerca das questões colocadas sobre os limites na educação.

DESENVOLVIMENTO

POR QUE OS LIMITES NA EDUCAÇÃO?

A discussão sobre a educação dos filhos na família vem se tornando cada vez mais frequente nas escolas, em reuniões de pais, em discussões acadêmicas e na mídia em geral. A ideia que a família atual está em crise tem povoado a mente preocupada de pais, educadores e psicólogos. Nesse contexto, os problemas com o que se passou a chamar “limites na educação” constituem o maior desafio.

No entanto, a imposição de limites tem passado por significativas transformações, não só no ambiente doméstico, mas também nas instituições escolares. Há algumas décadas, as crianças eram submetidas a uma rígida educação, sem que pudessem ao menos questionar as regras que lhes eram impostas.

As crianças deviam obediência absoluta e cega a seus pais, e as questões da infância aconteciam nos quintais, distantes deles e, de preferência, que eles não descobrissem. Em sala de aula, os professores proferiam suas aulas e os alunos, em silêncio, lutavam para entender o mundo dos adultos, tão distante do seu. Como consequência, a relação professor e alunos era distante e fria, marcada pelo desconhecimento um do outro. Tudo que acontecia, considerado próprio da infância ou da adolescência, ficava à margem do mundo adulto, longe da sala de estar ou das salas de aulas. (PAROLIN, 2003, p. 07)

Pode-se perceber que a maneira de educar os filhos seguia uma direção vertical, onde os pais exerciam sua autoridade de cima para baixo sem maiores questionamentos. Nos últimos anos, porém, percebe-se uma quebra na rigidez estabelecida no tratamento às crianças, à medida que se passou do castigo físico ao diálogo. Há várias formas de disciplina e várias maneiras de se conquistá-la e deve-se encontrar meios para construí-la de acordo com as necessidades.

Percebe-se a importância do diálogo na relação entre pais e filhos, entretanto, ver-se que esse é um dos principais problemas enfrentados na atualidade, que é a ausência dos pais na vida do filho, em virtude da carga horária dedicada ao trabalho, deixando a convivência educacional aos cuidados da escola, desde os primeiros momentos, nas creches e nas instituições

educacionais, do governo ou particulares. Esta necessidade familiar gerou um sentimento de culpa nos pais, que, para compensar tais circunstâncias, acabam sendo permissivos em desmedido com os seus filhos, dificultando, por consequência, momentos de se educar e proporcionar os valores que devem ser seguidos, não conseguindo impor limites aos seus filhos.

Impor limites: a necessidade do “NÃO” e a responsabilidade dos pais.

Viver em sociedade significa obedecer a regras. É necessário ter claro que constantemente o ser humano respeita ou define os limites na sua vida, pois não seria possível viver coletivamente sem eles. A criança que não aprende a ter limite cresce com uma deformação na percepção do outro, ou seja, ela não vai entender e pensar no outro. Paggi e Guareschi (2004, p. 168-169) dizem:

[...] Nem sempre as crianças vão estar dispostas a reprimir um desejo para cumprir uma regra e é nesses momentos que os pais devem se apresentar como um *outro* a quem a criança deve respeitar, alguém que representa o mundo social com o qual a criança será confrontada posteriormente. [...]

Frente a isso, se faz mister a participação dos pais na imposição dos limites e a falta destes acarreta variadas consequências como a indisciplina escolar, o desinteresse pelos estudos, falta de concentração, dificuldades de suportar frustrações, falta de persistência, insegurança e ansiedade. Schettini (1998, p. 47) completa: “[...] os limites, quando estabelecidos com adequação, levando em conta as características individuais da criança, contribuem para a redução da ansiedade, oferecendo referenciais para o seu comportamento geral”. Portanto, é mister apreendê-los desde cedo. Naturalmente que é dever dos progenitores considerar os pedidos dos filhos, mas sempre dentro de determinados limites impostos pela sociedade e pela educação dos próprios. É preciso dizer “não” de uma forma positiva e coerente.

Uma das maiores objeções na educação consiste na tarefa de saber equilibrar amor e permissividade com limite e autoridade. Todos têm discernimento da importância de impor limites, mas o fato de saber disso não é suficiente para fazer desta uma tarefa fácil.

Schettini (1998) diz que existem algumas razões as quais dificultam ou impedem a aplicação dos limites, tal como: o medo de ter a autoridade contestada, medo de desagradar e perder o afeto, medo de não ter limites ao dar limites, insegurança pessoal, indefinição sobre o

sentido pessoal de vida e dificuldades de suportar o sofrimento dos filhos. Colocar limites e respeitar a criança não são coisas incompatíveis. Mas conseguir o equilíbrio entre esses dois elementos é sempre tarefa delicada. Insistir em um limite já superado pelo filho pode ser desrespeito, tanto quanto desistir de manter outro ainda necessário.

Os adultos, pais ou educadores, precisam de sensibilidade para estabelecer limites claros e ajustados às condições de cada um. Isso proporcionará segurança, que é o resultado de um longo processo de aprendizagem. Por isso, Schettini (1998, p. 52) esclarece:

Conhecer-se é, portanto, indispensável para encontrar seus limites, obter segurança e viver com liberdade. Nisso consiste a importância da educação. Educar é muito mais formar do que informar, o que está estreitamente ligado ao sentimento de segurança. Tudo isso se fundamenta na construção de uma relação de confiança. E, sem confiança, não há segurança. Sem segurança não há nem controle e nem limite.

Portanto, os pais têm que sentirem-se seguros, e por mais difícil e incômodo que seja dar limites aos filhos, trata-se de uma ação necessária para lhes oferecer condições de crescimento saudável na relação com as pessoas e com o mundo.

Educar os filhos sempre foi uma tarefa confusa para os pais, embora isso não signifique que tais responsabilidades sejam compartilhadas de forma igualitária entre o casal. Tanto o pai quanto a mãe devem fazer de tudo em benefício da família. Diversos autores, como Tiba, Parolin, Paggi e Guareschi apontam que as mães propendem a apoderar-se mais do que os pais nas tarefas do dia-a-dia dos filhos e, habitualmente, estão à frente do planejamento educacional de seus filhos. Em contrapartida, observa-se um número crescente de pais que também compartilham com a mulher ou até mesmo apropria-se das tarefas educativas e do lar, buscando adequarem-se às demandas da realidade atual. Mesmo com os avanços ocorridos, e essa crescente participação dos pais na educação dos filhos, torna-se claro que em algumas famílias, segundo Parolin (2003), para a mãe fica a responsabilidade de atenção e cuidado, já o pai, torna-se uma figura de autoridade, que dita as normas, e que a mãe, quando o filho não obedece, usa o argumento de falar para o pai e este, com uma palavra ou um olhar dita a sua autoridade.

Para entender essas diferenças entre a educação de pai e mãe, deve-se voltar ao passado. Em primeiro lugar, existe o fato incontestável de ser o corpo feminino o único capaz de gerar um bebê. Em decorrência disso, o controle do momento de ter filhos, bem como a responsabilidade pelo seu cuidado e educação, é e foi tradicionalmente depositado na mulher.

Mas seria somente a mulher capaz de cuidar, proteger e promover o desenvolvimento do filho? Desde a época pré-histórica havia uma divisão de trabalho, onde a mulher era a responsável pelo cuidado com os filhos, os homens não tinham nenhuma participação nessa educação, Tiba (2002, p.99) relata:

A caçada era tarefa para os mais fortes, os homens. Quem caça não cuida de crianças. Assim os machos deixaram de cuidar das crianças. Nos tempos de hoje, o homem não precisa mais de tanta força física para trazer comida para casa. Alguns nem precisam sair de casa. Mas nem por isso passaram a cuidar das crianças. A mulher também começou a participar das caçadas, mas nem por isso abriu mão de cuidar das crianças.

Nesse sentido, ver-se que com o advento da mulher no mercado de trabalho, e as transformações sociais ocorridas, ainda prevalece na mulher a responsabilidade maior de educação, entretanto, deve-se ter consciência que o homem pode e tem condições de ter uma maior participação, pois, os mesmos são capazes de serem bons cuidadores, afetuosos e carinhosos, como a mulher pode ser boa profissional, pois, a educação é uma aprendizagem, e portanto, todos têm a capacidade de aprender.

As mulheres que possuem uma vida profissional contínua sentem-se muitas vezes culpadas pela ausência na criação dos filhos, sentem-se confusas e angustiadas na difícil tarefa de se dividir entre a o cuidado com os filhos e a dedicação a sua carreira profissional, por isso, Paggi e Guareschi (2004, p. 78) alertam:

A culpa sentida pelas mães quando se dedicam ao trabalho acaba levando, muitas vezes, à adoção de práticas educativas permissivas e compensatórias. Muitas mulheres nessa situação mostram dificuldade em privar as crianças de algum brinquedo na hora de dormir ou na hora de tomar banho ou não conseguem exigir o cumprimento de regras sociais [...] o problema dos limites passa a ser um problema constante no dia-a-dia das famílias.

Frente a essas questões, deve-se salientar que tanto a mãe quanto o pai podem e devem ter uma carreira profissional, e não devem sentir-se culpados, desde que os mesmos, saibam aproveitar o tempo que possuem de modo significativo, conversando com seus filhos, ouvindo-os. Portanto, não só a mãe tem essa responsabilidade e não só ela deve se sentir responsável,

ambos devem refletir que lugar o filho tem na família e a qualidade de tempo disponível, ou seja, não importa a quantidade de tempo que se tem com os filhos, e sim, a qualidade desse tempo.

Em relação a imposição das normas, deve-se haver um envolvimento e consentimentos entre ambos, pai e mãe, para isso o diálogo é uma ferramenta imprescindível. Quando falar “não” deve-se sustentar esse não até o fim, para seu filho compreender que existem regras, entretanto, deve-se ter a consciência que esse “não” é realmente apropriado e preciso. Como também, quando um estabelecer uma ordem, essa ordem deve ser respeitada pelo outro, onde Schettini (1998, p. 78) alerta:

Quando um dos pais desautoriza uma ordem dada pelo outro, está destruindo a autoridade e inviabilizando o encaminhamento saudável da educação dos filhos. Para os filhos, quando um dos pais quebra a autoridade do outro, está negando também sua própria autoridade. Manter a ordem um do outro é condição indispensável para se encontrarem as formas boas de dar limites.

Desse modo, pai e mãe devem unir-se desde o princípio, onde haja um vínculo de companheirismo, de diálogo entre eles, um respeitando o outro, e conseqüentemente seus filhos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desse modo, numa turma de educação Infantil com 18 (dezoito) alunos de uma escola “X”, selecionou-se a partir da técnica de sorteio um total de 06 (seis) mães de alunos para expressarem seu entendimento acerca das questões colocadas sobre os limites na educação.

A seguir, será apresentada a análise dos dados coletados, tomando como referência as ideias registradas nos capítulos anteriores, oriundos do resgate bibliográfico necessário a todo estudo de caráter científico.

QUADRO DEMONSTRATIVO DE RESPOSTAS

Tabela 1- Concepção de limites

SITUAÇÃO	%
----------	---

Saber dizer “não”	50
Dizer o que é certo e errado	34
Outros aspectos	16

Fonte: Pesquisa de Campo – Patos, 2007.

Percebeu-se que as mães reconhecem que os limites são necessários e compreendem sua importância para o desenvolvimento do filho. A maioria relaciona os limites com o dizer “não”, entretanto, os limites não são apenas a repreensão, como Zagury (2006) enfatiza limites também é saber como, quando e porque dizer sim, ou seja, limites são as necessidades para o indivíduo crescer em dada sociedade, estabelecendo para isso algumas regras que precisam e devem ser respeitadas.

Tabela 2 – Dificuldades na educação atualmente

ASPECTOS SITUACIONAIS	%
Falta de tempo, devido ao trabalho	34
Influências da mídia	16
Hora certa de falar “não”	50
Outras	0

Fonte: Pesquisa de Campo - Patos, 2007.

Observa-se que a preocupação com o “não” vem sendo percebida desde a pergunta 1, isso se deve a diversos fatores como os avanços significativos da psicologia social a partir da disseminação de várias teorias pedagógicas, onde Zagury (2006) acredita que contribuíram para adoção de uma educação permissiva. Os pais precisam ter a consciência que colocar limites é necessário, porém, não é fácil, é aí que vai entrar a disposição e a dedicação dos mesmos para o benefício dos filhos, sem haver a culpa. Paggi e Guareschi (2004) acreditam que as práticas permissivas, ou seja, essa dificuldade de falar “não”, muitas vezes deve-se ao fato da falta de tempo devido ao trabalho. Em uma sociedade consumista e capitalista, a mídia está presente e influencia tudo ao seu redor, não seria diferente na educação, onde muitas vezes os filhos ficam vidrados na babá eletrônica (TV, tablets, celular) sofrendo naturalmente fortes influências desses meios.

Com relação a atitude de dizer “não” para os filhos os aspectos apontados foram:

Tabela 3 - Atitudes do “não”

SITUAÇÃO	%
Difícil	50
Complicada	34

Necessária	16
Fácil	0

Fonte: Pesquisa de Campo – Patos, 2007

No contexto acima, notou-se que o dizer “não” se apresenta na sua maioria como uma atitude difícil. Nas justificativas evidenciou-se a modernidade, onde pôde-se notar que os pesquisados atribuem essa dificuldade como resultado dos tempos atuais, onde os filhos por serem “rebeldes” ou cheios de “gostos” não aceitam os limites impostos. Na verdade, pode-se dizer que a “culpa” reflete das modificações estruturais na vida do indivíduo ocorridas com a modernização que gerou uma desordem e mudança de valores. Há na sociedade contemporânea uma tendência generalizada à permissividade. Estudiosos advertem para a chamada “crise de paradigmas”, pois segundo as pesquisas, falta referenciais para nortear as práticas dos educadores e pais que na dúvida acabam, mesmo sem a devida segurança, por cederem para não correr o risco de prevalecer o autoritarismo do passado.

Quadro 4	PERGUNTA
PERGUNTA (4)	VOCÊ ESTÁ NUMA LOJA DE BRINQUEDOS, E SEU FILHO PEDE UM DETERMINADO TIPO DE BRINQUEDO, MAS NO MOMENTO VOCÊ NÃO PODERÁ ATENDÊ-LO, ENTÃO A CRIANÇA COMEÇA A CHORAR. COMO VOCÊ REAGE A ESSA REAÇÃO:

Com base na pergunta acima, foi estabelecida uma tabela com as respostas abaixo:

Tabela 4 – Reação diante uma solução-problema

SOLUÇÃO-PROBLEMA	%
Sente-se constrangido e compra o brinquedo	16
Não suporta o filho sofrer, então compra o brinquedo	0
Tenta acalmar a criança	84
Perde a paciência e grita a criança	0
Tenta convencer que o brinquedo não é necessário	0

Fonte: Pesquisa de Campo – Patos, 2007

Percebeu-se que a grande maioria das mães (84%) diante a situação-problema exposta, foram bastante coerentes e não se intimidam com os gritos ou choros da criança, sabendo como reagir, pois as mesmas marcaram a opção mais viável e correta de acordo com os autores citados

no resgate bibliográfico, pois deve-se tentar acalmar a criança e explicá-la que aquele determinado brinquedo não é necessário no momento, onde o diálogo é a chave de uma relação afetuosa e sólida entre a família, como ressalta Cury (2003) que deve-se adquirir o hábito de se reunir, pelo menos semanalmente, com os filhos para dialogar, dando-lhes liberdade para falar de si mesmos e também abrindo um leque para seu filho o conhecer melhor. Apesar do senso-comum, além das pesquisas denunciarem que o diálogo anda ausente nas relações familiares, as respostas dadas nessa pesquisa revelam que estas buscam o diálogo, a negociação pôr a considerarem importante. Do mesmo modo, as respostas apontam para as dificuldades encontradas pelas mesmas, tendo em vista a forte influência que hoje a mídia, através de seus vais aparelhos, exerce sobre os indivíduos, sobretudo as crianças que são mais vulneráveis aos apelos do consumismo.

Tabela 5 – A responsabilidade da mãe é maior

PARTICIPAÇÃO DA MÃE	%
Sim	84
Não	16

Fonte: Pesquisa de Campo – Patos, 2007.

Autores, como Tiba (2002), apontam que as mães tendem a envolver-se mais na educação dos filhos. As informações observadas neste item levam a perceber que 84% sentem-se sobrecarregadas pôr a responsabilidade está voltada mais diretamente as mesmas, onde pelas respostas dadas, notou-se que a principal reclamação é a ausência do pai, algumas vezes usando o argumento do cansaço para amenizar sua responsabilidade, ou o que é pior, não se acha preparado para impor limites aos filhos. Percebe-se que esses pais usam os argumentos citados como uma desculpa justificada para sua ausência, entretanto, a mulher atual também atua no mercado de trabalho, também fica cansada, também não tem tempo, mesmo assim não deixa de ter a responsabilidade de educar seus filhos. Vive-se ainda uma sociedade de caráter machista, onde a mãe possui a maior ou total responsabilidade na educação dos filhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo final da educação deve ser o de oferecer subsídios aos educandos que lhes oportunizem viver melhor.

O trabalho que ora concluímos buscou analisar, por meio de métodos apropriados, a importância dos limites na educação dos indivíduos à luz das representações das mães, tendo em vista o seu importante papel na família e naturalmente na formação deles.

Observou-se com esse estudo a indiscutível necessidade dos limites para uma formação educacional que se deseja plena, sobretudo nos tempos modernos que se caracterizam por uma “crise de paradigmas”, em que pais e escola muitas vezes negligenciam seus papéis numa completa inoperância de suas obrigações.

Constata-se no campo de investigação o que os estudos e as pesquisas já salientam sobre esse respeito: mães ausentes em virtude da necessidade do trabalho; mães preocupadas com as influências que seus filhos recebem dos seus pares, bem como da mídia; mães sobrecarregadas com o excesso de atribuições das mesmas; pais ausentes do processo educativo, bem como as dificuldades latentes em colocar limites.

Contudo, é importante ressaltar que tais dificuldades latentes em colocar limites não apontam para o reconhecimento da necessidade dos mesmos. Ou seja, os pais (nesse caso as mães) sabem que a disciplina, o respeito às normas, às circunstâncias devem ser cumpridos, porém assumem dificuldades em implementá-las. Argumentam ainda que a influência, em especial da mídia e tecnologia prejudicam a educação.

Assim, percebe-se que educar não é uma tarefa fácil, exige esforço, conhecimento, competências. Além disso, considerando a sua amplitude e complexidade vê-se a necessidade de parcerias, onde muitos serão responsáveis. Cada um desempenhando a sua função, não sobrecarrega ninguém, como foi denunciado pelas mães pesquisadas que atestou em sua maioria a ausência do pai quando se trata do item educação.

As questões que se apresentam na contemporaneidade quanto à competência das pessoas, seu senso de solidariedade, de compromisso social, tem revelado que há muito a se fazer no que diz respeito as conquistas por uma educação de qualidade que efetivamente preocupe-se com a formação integral do indivíduo. Há claros sinais de supervalorização dos conhecimentos técnicos em detrimento dos conhecimentos éticos, humanistas. Isso demonstra a falta de um trabalho pedagógico, tanto no âmbito familiar, quanto escolar, que perceba que a formação do ser humano vai muito além das especializações e entendimentos técnicos.

Trabalho esse que possa nortear as ações dos indivíduos enquanto seres sociais que precisam reconhecer seus direitos e deveres, bem como dos outros cidadãos.

Mesmo sabendo que esse estudo não esgotará as análises e argumentações da referida temática, espera-se que ele seja instrumento de reflexão para a comunidade educativa, em especial, a família e a escola, tendo em vista suas influências na educação dos indivíduos.

REFERÊNCIAS

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes.** 11 ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

PAGGI, Karina P.; GUARESCHI, Pedrinho A. **O desafio dos limites:** um enfoque psicossocial na educação dos filhos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

PAROLIN, Isabel. **Pais educadores:** é proibido proibir? Porto Alegre: Mediação, 2003.

RODRIGUES, Neidson. **Da mistificação da escola à escola necessária.** 11 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

SCHETTINI FILHO, Luiz. **Carão com Carinho.** Recife: edições Bagaço, 1998.

TIBA, Içami. **Quem ama, educa!** São Paulo: Gente, 2002.

ZAGURY, Tânia. **Limites sem trauma.** 74 ed. Rio de Janeiro: Record, 2006